

Percepção de médicos veterinários sobre a presença de cães em hospitais: cuidados, riscos e benefícios

Veterinarians' perceptions of the presence of dogs in hospitals: care, risks and benefits

DOI:10.34119/bjhrv6n3-172

Recebimento dos originais: 25/04/2023

Aceitação para publicação: 24/05/2023

Carolyn Texeira do Espírito Santo

Mestra em Ciência e Engenharia

Instituição: Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Endereço: Av. Presidente Tancredo Neves, Nº 2501, Terra Firme, CEP: 66077-830,
Belém - PA

E-mail: carolyneveterinaria@gmail.com

Caio Cezar Nogueira de Souza

Bacharelado em Medicina Veterinária

Instituição: Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Endereço: Av. Presidente Tancredo Neves, Nº 2501, Terra Firme, CEP: 66077-830,
Belém - PA

E-mail: caionnogueira@gmail.com

Hilda Rosa Moraes de Freitas rosário

Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Instituição: Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Endereço: Av. Presidente Tancredo Neves, Nº 2501, Terra Firme, CEP: 66077-830,
Belém - PA

E-mail: hilda.rosario@ufra.edu.br

Fernanda Peixoto Martins

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Endereço: Av. Presidente Tancredo Neves, Nº 2501, Terra Firme, CEP: 66077-830,
Belém - PA

E-mail: fernanda.martins@ufra.edu.br

RESUMO

As Intervenções Assistidas por Animais (IAA) surgem como práticas em que animais domésticos atuam como mediadores em atividades que buscam promover benefícios físicos e emocionais às pessoas envolvidas. Essas atividades vêm ganhando espaço em diversos ambientes. Dentre eles, encontra-se o ambiente hospitalar no qual as IAA se encaixam como um método complementar que auxilia a recuperação dos pacientes. Diante disso, objetivou-se conhecer a percepção de médicos veterinários sobre os benefícios e riscos da presença de cães em hospitais, os possíveis cuidados para evitar esses riscos e as características do animal para essa prática. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa no qual participaram seis médicos veterinários. A coleta foi feita através de um questionário com perguntas acerca de IAA em hospitais, realizada de modo *online* entre abril e maio de 2020, abordando o bem-estar do

animal, do paciente e de outras pessoas envolvidas, além da identificação de possíveis riscos. Eles salientaram a importância do acompanhamento profissional, destacaram benefícios físicos e emocionais que essa prática pode proporcionar e pontuaram possíveis cuidados para que as atividades ocorram sem riscos aos envolvidos. Apesar de serem considerações válidas, concluiu-se que comumente os veterinários ainda carecem de uma formação mais completa a respeito das IAA.

Palavras-chave: intervenções assistidas por animais, medicina veterinária, saúde, cão, riscos.

ABSTRACT

Animal-Assisted Interventions (AAI) emerge as practices in which domestic animals act as mediators in activities that seek to promote physical and emotional benefits to the people involved. These activities have been gaining space in several environments. Among them is the hospital environment, in which AAI fit as a complementary method that aids patients' recovery. Therefore, the objective of this study was to know the perception of veterinarians about the benefits and risks of the presence of dogs in hospitals, the possible care to avoid these risks and the characteristics of the animal for this practice. This is a qualitative study in which six veterinarians participated. The collection was done through a questionnaire with questions about AAI in hospitals, carried out online between April and May 2020, addressing the welfare of the animal, the patient, and other people involved, as well as the identification of possible risks. They emphasized the importance of professional monitoring, highlighted the physical and emotional benefits that this practice can provide, and pointed out possible precautions for the activities to occur without risks to those involved. Although these are valid considerations, it was concluded that veterinarians still commonly lack a more complete training regarding AAI.

Keywords: animal assisted interventions, veterinary medicine, health, dog, risks.

1 INTRODUÇÃO

O convívio entre os animais e o ser humano se apresenta como um laço estreito e intenso entre espécies que repercute diretamente na saúde de ambos¹. Cães e humanos, notadamente, passaram por etapas ao longo do processo evolutivo até que fosse criada a proximidade existente hoje, desde a domesticação da espécie, seu convívio integrado a grupos humanos, sua inserção em atividades de trabalho (como caça, pastoreio e vigilância), até o estabelecimento de vínculos afetivos como animais de companhia². Essa proximidade afetiva fez com que a presença de cães se expandisse por variados espaços de convívio da comunidade (como escolas, consultórios e hospitais), desempenhando inúmeras atividades de grande importância social, incluindo as Intervenções Assistidas por Animais (IAA)³.

Embora existam grandes vantagens advindas do vínculo humano-animal, há também riscos que se tornaram foco de pesquisa em saúde pública, haja vista que existem doenças que podem ser transmitidas dos humanos para os animais e vice-versa, conhecidas com zoonoses⁴. Esses riscos são potencializados quando as condições sanitárias do ambiente não são adequadas,

pois os agentes infecciosos podem ser liberados mesmo que o portador não apresente sinais clínicos⁵.

Diante disso, o profissional médico veterinário tem papel fundamental no que diz respeito a proteção, prevenção e promoção da saúde humana e animal. Tal função é baseada na Portaria nº 2488 de outubro de 2011, que incluiu o médico veterinário como parte da equipe que compõe o Núcleo Ampliado de Saúde da Família – NASF⁶.

Dentro desse contexto, como uma das atividades vinculadas ao contato direto entre humanos e animais, surgem as Intervenções Assistidas por Animais (IAA), as quais consistem na inserção dos animais em atividades saúde, educação ou assistência social com fins terapêuticos para humanos, em forma de Terapias Assistidas por Animais (TAA), Educação Assistida Por Animais (EAA) e Atividades Assistidas por Animais (AAA)⁷. Em hospitais é comum que as IAA executadas se caracterizem como AAA, com a função de lazer e de promover o bem-estar dos pacientes⁸.

As ações são supervisionadas e organizadas por uma equipe multidisciplinar formada por profissionais da saúde humana e animal. De uma forma geral, a equipe é constituída por um Médico Veterinário com formação em IAA (que pode ser obtida em cursos e atividades complementares a graduação), responsável por avaliar o cão no aspecto comportamental e sanitário; um treinador, encarregado de gerir o manejo correto do animal; e um profissional responsável pelos clientes humanos (profissional de saúde humana ou educação), responsável por organizar a equipe na definição das metas^{9,10}.

Existem diversos benefícios que as IAA são capazes de proporcionar aos humanos das mais variadas idades e condições de saúde, como compilado por Bert et al.¹¹: melhoria das relações e interações sociais, redução de sintomas relacionados a depressão e ansiedade, promoção de bem-estar e autoestima, redução de dor e estresse, maior regularidade de parâmetros fisiológicos (como frequência cardíaca e respiratória). UGLOW¹² entrevistou 200 participantes de IAA com cães em ambiente hospitalar (dentro pacientes e funcionários) e o retorno também foi extremamente positivo; sem objeções sobre a presença, higiene e comportamento dos animais.

Atualmente existe grande interesse em pesquisas que envolvam as IAA com vistas a compreender a participação de cada um dos elementos envolvidos e as formas de potencializar os ganhos terapêuticos¹³. Além disso, para que essa prática ocorra de forma segura para todos, é importante implementar condutas que garantam o bem-estar e protejam os participantes de possíveis riscos. Dentre os riscos, pode-se citar o uso de medicamentos imunossupressores, que podem aumentar as chances de o animal ser contaminado por agentes infecciosos; as zoonoses,

que também podem ser transmitidas do homem ao animal; a presença de ecto ou endoparasitas, sendo alguns destes também nocivos aos seres humanos; além dos altos níveis de estresse, que podem acarretar prejuízos a qualidade de vida dos cães¹⁴.

Serpell et al.¹⁵ fizeram um apanhado da metodologia e dos preceitos utilizados pelas instituições americanas que realizam terapias com cães, sugerindo os pilares expostos abaixo (descritos junto a alguns dos seus principais componentes):

- i. Características do cão e critérios de seleção: diretrizes individuais dos requisitos dos cães para cada tipo de ambiente e público, avaliações de comportamento e idade mínima dos cães de um ano de idade.
- ii. Padrões de saúde e segurança para cães: vacinação, suspensão das atividades em caso de saúde precária (com vômito, diarreia, letargia, etc.), acompanhamento e avaliação periódica de um médico veterinário, higiene e corte de unhas.
- iii. Padrões de bem-estar dos cães: apresentação de regras, treinamento e informações a respeito do bem-estar e linguagem corporal canina.
- iv. Padrões de saúde e segurança do instrutor: suspensão das atividades em caso de saúde precária (tosse, diarreia, febre, etc) e vacinação.
- v. Padrões de treinamento/educação do instrutor: treinamento e perfil compatível para a realização das atividades.

Dessa forma, é importante que os profissionais responsáveis pela saúde e bem-estar do animal tenham informações sobre IAA, compreendam suas atribuições, conheçam os riscos existentes e como evitá-los. O presente estudo busca acessar esse contexto, questionando: qual a percepção dos médicos veterinários sobre a presença de cães em hospitais nas IAA?

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa¹⁶, que é um recorte do projeto intitulado 'A percepção de profissionais da saúde sobre a presença de cães em hospitais: riscos e benefícios', do qual participaram tanto profissionais de saúde humana quanto de saúde animal. Para fins dessa publicação, serão discutidos os dados referentes aos profissionais de saúde animal, sendo seis médicos veterinários, de diversas regiões brasileiras, contatados a partir da rede pessoal dos autores, que atuam ou não em Intervenções Assistidas por Animais (IAA). Os participantes foram identificados de MV1 a MV6, com vistas a preservar suas identidades conforme os preceitos éticos.

Aplicou-se um questionário elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Google Formulários, estruturado em três partes, sendo: I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE), II - Perfil Sociodemográfico e Profissional do respondente e III - Perguntas sobre a percepção dos profissionais acerca da presença de cães em hospitais e os benefícios decorrentes dessa prática. O questionário foi composto por 18 perguntas, entre questões abertas e fechadas e a coleta de dados foi realizada de modo *online*, no período entre 20 de abril e 10 de maio de 2020.

Os dados aqui apresentados foram analisados de modo qualitativo, uma vez que se trata de uma abordagem que atua levando em conta a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais, o significado e a intencionalidade que lhe atribuem os atores¹⁷. Assim, o método adotado foi a análise de conteúdo¹⁸, sendo a palavra como unidade de registro e a frase como unidade de contexto.

Esse estudo respeitou os aspectos éticos e as implicações legais da Resolução nº 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, obtendo a autorização do Comitê de Ética de Pesquisa do Hospital Universitário João de Barros Barreto (Parecer Nº 4.483.809).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das questões fechadas permitiu analisar de acordo com as respostas qual o animal mais indicado para essa prática em ambiente hospitalar, os possíveis benefícios e riscos das IAA, e os cuidados que podem ser tomados. Já a análise das questões abertas resultou em quatro categorias temáticas: ‘Benefícios’, ‘Riscos’, ‘Cuidados’ e ‘Características de um cão para IAA’.

Todos os respondentes foram favoráveis à entrada de cães nos hospitais (Quadro 1). Quando questionados sobre quem pode ser afetado pelos possíveis riscos nas IAA realizadas nesse ambiente, MV1, MV3 e MV6 indicaram exclusivamente o cão; MV2 e MV5 indicaram os pacientes; e MV4 os familiares.

Em se tratando dos riscos para os animais, a literatura ressalta principalmente a possibilidade de prejuízo de sua saúde e bem-estar; de contração de zoonoses e patógenos, como os perigosos agentes nosocomiais de ambientes hospitalares¹⁹; e de exposição a possíveis acidentes, danos físicos, estresse e fadiga¹¹. Contudo, as pesquisas que avaliam o efeito das IAA sobre os animais - apesar de estarem crescendo - ainda são minoria quando comparadas ao mesmo tipo de estudos para humanos. Winkle et al.²⁰, a partir desse contexto, indicam não só a maior exploração científica dessa área, como também a elaboração e uso de protocolos de avaliação e plano de gestão de riscos a fim de contornar essa realidade na prática e intervir precocemente nos casos em que os animais possam estar vulneráveis. Glenk²¹ sugere, ainda, a

maior padronização de protocolos, técnicas e metodologias utilizadas; para a possibilidade de comparação e ajuste das atividades em prol do bem-estar dos cães em IAA.

Por outro lado, as pessoas envolvidas são expostas a riscos de ataques e outros acidentes, ocorrências de incômodos e alergias pela presença/contato do animal, e contato com agentes infecciosos que podem ser carregados pelos cães; entre outros. Estes, entretanto, podem ser reduzidos já no período prévio a prática das IAA, por meio da aplicação de protocolos adequados para a seleção e treinamento dos animais; como os elaborados por Lefebvre et al.²², Winkle et al.²⁰ e Mongillo et al.²³. Lefebvre et al.²² incluem nas suas Diretrizes para Intervenções Assistidas por Animais em Estabelecimentos de Saúde a avaliação inicial e periódica do temperamento animal; seleção de animais com perfil compatível as práticas; o teste e simulação de diversas situações de exposição as quais os animais podem estar sujeitos, como restrição física e estímulos altos/repentinos; o treinamento de animais e condutor; a verificação da compatibilidade do animal com o respectivo condutor; a elaboração de um percurso de deslocamento que evite contaminações entre áreas do hospital; e higiene e monitoração das pessoas que tiverem contato com os animais - junto a diversas outras indicações. Este conteúdo deve ser conhecido e seguido pelos profissionais envolvidos para que se obtenha a redução de riscos e as vantagens esperadas oriundas das interações.

Quadro 1. Opinião dos médicos veterinários sobre a entrada de cães em hospitais, quais seriam os profissionais responsáveis pelo animal durante as visitas, quem pode ser afetado por possíveis riscos e qual comportamento frente a visita de um cão ao hospital.

Participantes	Profissional que deve ser responsável pela visita de cães em hospitais?	É a favor da entrada de cães em hospitais?	Quem pode ser afetado por possíveis riscos das IAA em hospitais?	Qual comportamento frente a visita de um cão em hospital?
MV1	Profissional com formação em comportamento animal	Sim	Pacientes e Cães	Abraçaria e faria uma foto
MV2	Profissional com formação em comportamento animal	Sim	Pacientes	Ficaria observando de longe
MV3	Adestrador ou tutor	Sim	Cães	Abraçaria e faria uma foto
MV4	Médico Veterinário	Sim	Familiares	Observar a reação do animal
MV5	Profissional com formação em comportamento animal	Sim	Pacientes	Ficaria observando de longe
MV6	Médico Veterinário	Sim	Pacientes, Profissionais da Saúde e Cães	Ficaria observando de longe

Fonte: Autores (2023)

De acordo com resolução publicada em 1998 pelo Conselho Nacional de Saúde, o Médico Veterinário é considerado profissional de saúde, estando apto a atuar nas áreas que correspondem ao bem-estar humano, animal e ambiental²⁴. Os respondentes MV4 e MV6, citam o Médico Veterinário como responsável pela visita de cães em hospitais, corroborando com a resolução mencionada - desde que exista a correta formação do profissional para atuar em IAA.

Ademais, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), da qual o Brasil faz parte, recomenda que o ensino sobre bem-estar animal seja obrigatório na grade curricular dos cursos de Medicina Veterinária de todas as universidades brasileiras^{25,26}. Borges et al.²⁷ fez um levantamento a fim de traçar um perfil sobre o ensino oferecido em relação ao bem-estar animal para estudantes de Medicina Veterinária e observou que, no Brasil, as instituições de ensino enfatizam a importância do bem-estar físico e ressalta a necessidade de um foco maior no que tange ao comportamento e psicologia animal. Como afirmado por Sherman e Serpell²⁸, estudantes dessa área devem receber ensino e treinamento em comportamento animal para que sejam capazes de identificar, tratar e prevenir problemas comportamentais; concomitantemente ao fortalecimento do vínculo-humano animal na profissão.

De acordo com De Paula Vieira e Anthony²⁹, uma reformulação na abordagem médico veterinária é necessária para que a ciência em bem-estar animal e a ética veterinária sejam realmente implementadas na profissão. Essa reformulação inclui a passagem de uma investigação unicamente clínica dos animais (focalizada no tratamento de doenças), para uma análise multifatorial engajada na identificação e prevenção de condições amplas de desconforto nos animais. Dessa forma, a qualidade de vida seria acessada em seu cerne e poderia, então, ser de fato preservada como prioridade. Molento³⁰ aponta que a formação de profissionais médicos veterinários será mais completa se, na sua formação acadêmica, forem trabalhadas noções de bem-estar animal, as quais devem ser inseridas nas diversas áreas de trabalho, inclusive na clínica médica.

Além disso; MV1, MV2 e MV5 indicaram a presença de um profissional com formação em comportamento animal como parte essencial dessa prática. Essas respostas corroboram com o estudo de Vaccari e Almeida³¹, que propõe que os cães devem passar por avaliação periódica de profissionais especializados em psicologia comportamental; e de Becker e Morton³², que indica o médico veterinário e o psicólogo com especialização em comportamento animal como os profissionais responsáveis por garantir o bem-estar animal e alcançar os resultados esperados.

Quando questionados sobre seu comportamento frente a visita de um cão ao hospital, MV2, MV4, MV5 e MV6 responderam que observariam de longe sem interagir com o animal

e, no outro extremo, MV1 e MV3 abraçariam e tirariam foto. Esse distanciamento entre os profissionais e os animais é recorrente na profissão; tanto de forma reativa (em resposta a situações emocionalmente exigentes), quanto de forma proativa (prévia a qualquer envolvimento emocional). Ao mesmo tempo em que esse fato é visto como um risco para a manutenção da empatia, é também apontado como essencial para a regulação emocional durante o trabalho na área³³.

Na análise das respostas às questões abertas foram identificadas quatro categorias temáticas: ‘Benefícios’, ‘Riscos’, ‘Cuidados’ e ‘Características’ de um cão para IAA. Estas são apresentadas e discutidas a seguir.

3.1 BENEFÍCIOS DA INSERÇÃO DO CÃO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Dos seis participantes; quatro indicaram os benefícios, todos tendo como alvo o paciente (Quadro 2).

Quadro 2. Benefícios Identificados pelos Participantes

Participantes	Tipos de Benefícios	
	<i>Benefícios físicos</i>	<i>Benefícios emocionais</i>
MV1	“A presença do animal pode despertar mediadores físico-químicos que beneficiem o paciente em recuperação”	-
MV3	“Estímulo na produção de endorfina no paciente, além de ativar o sistema imune”	-
MV5	“Diminui os níveis de estresse”	“A presença de um animal pode acalmar uma pessoa, promover uma interação entre eles que faz aliviar a tensão que é estar em um hospital”
MV6	-	“Desperta o sentimento de fraternidade, alegria e conforto”

Fonte: Autores (2023)

Esses participantes focaram apenas em benefícios ao paciente, restrito aos aspectos físico e emocionais. Já SOUZA et al.³⁴ relatam que os profissionais de saúde humana indicaram benefícios cognitivos aos pacientes, ao tratamento e ao ambiente hospitalar; incluindo outros beneficiados, como acompanhantes e profissionais.

Enfatizando os ganhos para o paciente e o ambiente hospitalar, Lima et al.³⁵ concluíram por meio do seu experimento em hospitais que as IAA direcionadas aos indivíduos hospitalizados promovem benefícios como interação social, melhora de humor e qualidade de vida; auxiliando diretamente na recuperação dos atendidos. Quando direcionados a pacientes com problemas psicológicos, Machado et al.³⁶ constataram que a interação com os cães diminuiu o tempo de permanência dos envolvidos no hospital e reduziu de forma significativa a tentativa de suicídio. Isso pode ser justificado pelo fato desse contato entre animal e paciente provocar a redução de sentimentos prejudiciais como estresse, depressão e solidão³⁷.

É válido evidenciar os benefícios dessa prática aos cães envolvidos, haja vista que sua participação é parte essencial no sucesso das intervenções. Se as IAA forem realizadas com a correta seleção dos animais, estes terão comportamentos de alegria e satisfação, bem como sinais de interesse e repetição das atividades; confirmando que há a apreciação da interação positiva que deve ser proporcionada²⁰. Maldonado e Garcia³⁸ relatam que os Médicos Veterinários são os profissionais responsáveis pela garantia de bem-estar dos animais, proporcionando a eles condições que possibilitem estímulos (sensoriais e sociais) e condições ambientais que permitam uma interação adequada entre tudo que os cerca, evitando que fatores externos afetem a saúde desses animais.

Dessa forma, dado o conhecimento acerca do bem-estar, as IAA entram como atividades que além de proporcionarem benefícios físicos e psicológicos ao público-alvo, também garantem benefícios a saúde de cães. Deve ser considerado que, para o animal estar apto a participar, o mesmo deve passar por avaliação clínica periódica, protocolos preventivos contra enfermidades e cuidados com sua higiene que trazem melhorias a sua qualidade de vida³⁹.

A entrada de cães em hospitais já está sendo consolidada como método complementar para auxiliar no protocolo terapêutico. O exemplo disso foi a ação realizada no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo que criou um protocolo que possibilitou o contato entre cães e pacientes com o objetivo de promover um ambiente mais humanizado, promover o desenvolvimento da habilidade motora por meio da realização de atividades, e promover métodos perceptivos que incentivavam a aceitação dos pacientes ao tratamento, contribuindo diretamente no seu bem-estar. É de extrema importância destacar que o protocolo foi bem-sucedido e não houve relato de observação de qualquer risco aos animais e aos pacientes³⁷.

3.2 RISCOS DA INSERÇÃO DO CÃO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Inversamente à indicação dos benefícios, MV1, MV2, MV4 e MV5 alegaram que não há riscos com a entrada de cães em hospitais. MV 3 indicou riscos aos pacientes e MV6 riscos aos cães e as condições de higiene no ambiente (Quadro 3).

Quadro 3. Riscos.

<i>Ao paciente</i>	<i>Ao animal</i>
MV3	MV6
“Sim, zoonoses, seria necessária uma triagem por um médico veterinário, antes da autorização”	“Sim, geração de materiais biológicos (fezes e urina) e para o animal risco de contaminação por microrganismos”

Fonte: Autores (2023)

Souza et al.³⁴ no estudo com profissionais de saúde humana, embora tenha sido um grupo maior de participantes, esses identificaram uma maior variedade de riscos que os médicos veterinários, como: acidentes com pacientes, higiene do ambiente, reações emocionais nas pessoas (de medo, angústia e desconforto pela presença do animal), reações no animal, contaminação dos pacientes e falta de preparação da equipe.

Embora existam riscos associados a essa prática, o estudo de Silveira et al.³⁷ demonstra que é possível minimizar de forma significativa os riscos se for criado um protocolo para a realização das intervenções assistidas em hospitais, focando em todos os fatores como higienização, avaliação clínica do animal, fornecimento de equipamentos como luvas, aventais e materiais de limpeza para o ambiente, e avaliar a inclusão e desligamento dos animais baseados no seu comportamento e histórico clínico.

Além disso, Fischer e Zanatta⁴⁰ afirmam que as IAA são benéficas aos envolvidos nessa prática, contudo indicam que há pontos que podem desencadear vulnerabilidade, tendo como riscos potenciais a existência de protocolos de intervenção informais e não padronizados. Para tal, os autores apontam que a inserção de ações baseadas na precaução, prudência, prevenção e proteção são classificadas como essenciais para mitigar situações que podem afetar de forma negativa os humanos, os animais e o ambiente envolvido.

3.3 CUIDADOS PARA O CONTROLE DOS RISCOS DA INSERÇÃO DO CÃO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Todos os seis participantes elencaram um ou mais cuidados a serem tomados para uma inserção segura do cão nos hospitais. As categorias identificadas nessas respostas foram: treinamento, avaliação clínica do animal, procedimentos de socialização do animal, temperamento do animal, equipamentos de segurança e controle sanitário (Quadro 4).

Quadro 4. Tipos de cuidados elencados pelos participantes.

Participantes	Tipos de cuidados					
	Adestramento	Avaliação clínica do animal	Procedimentos de socialização do animal	Temperamento do animal	Equipamentos de segurança	Controle sanitário
MV1	“[...] adestramento”	“Avaliação clínica [...]”	-	-	-	-
MV2	“[...] adestrados [...]”	“Controle rigoroso da saúde dos animais [...]”	-	-	“[...] adestrados e com equipamentos de segurança”	-
MV3	-	-	-	“[...] seleção de animais dóceis”	-	“Controle sanitário [...]”
MV4	“Adestramento [...]”	-	“[...] socialização”	-	-	-
MV5	“[...] treinado [...]”	“Avaliação clínica completa do animal [...]”	“[...] apresentado ao hospital antes de iniciar as visitas”	-	-	-
MV6	-	-	-	-	-	“Que sejam permitidas somente em alas com baixo risco de contaminação e entrada própria para animais”

Fonte: Autores (2023)

De acordo com Chelinni e Otta¹³, existe uma série de cuidados importantes para garantir o bem-estar animal e dos envolvidos nessas atividades. É possível destacar que o animal esteja saudável, vermifugado, vacinado, bem treinado e sob supervisão periódica de um profissional médico veterinário, corroborando com as respostas dos participantes desse estudo.

A fim de evitar riscos aos envolvidos nas IAA, Silveira et al.³⁷ criaram um protocolo que abrange uma série de regras como critérios de inclusão e exclusão dos cães, dos tutores e dos pacientes; orientações aos condutores e a equipe de saúde; obrigações da comissão de

infecção do hospital em que ocorrerão as atividades; quadro pontuando as zoonoses; controle do protocolo vacinal dos animais participantes, juntamente com ficha de análise comportamental; e um termo de responsabilidade para participação no programa.

Além disso, para garantir a segurança e bem-estar dos envolvidos nessas atividades, é necessária a participação de uma equipe multidisciplinar em saúde, que atue de forma interdisciplinar. Lima et al.³⁵ confirmam o êxito disso utilizando em seu experimento uma equipe composta por profissionais de enfermagem, terapia ocupacional, medicina veterinária e psicologia. Seria importante também a formação de uma comissão de controle de infecções na instituição hospitalar, caso não esteja instituída pelo hospital, a qual contribuiria para protocolo de controle de riscos para a preservação da segurança dos participantes das IAA¹⁸.

Dessa forma, com a implementação dos protocolos e cuidados presentes em estudos científicos, é possível identificar os pontos levantados pelos participantes do estudo e garantir que as IAA ocorram de forma segura e benéfica para os envolvidos.

3.4 CARACTERÍSTICAS DE UM CÃO INDICADO PARA IAA

As características físicas e comportamentais identificadas nas respostas foram agrupadas em quatro subcategorias: temperamento, saúde, fenótipo e treinamento. Sendo que MV4, ao invés de mencionar características como os outros participantes, indicou o tipo de animal na sua resposta: “Animais de companhia”. Lefebvre et al.¹⁸ indicam em seu protocolo que para IAA em hospitais os animais devem ser de espécie doméstica; excluindo espécies que podem causar infecções ou injúrias, como répteis e anfíbios, primatas não humanos, roedores e animais de espécies recém domesticadas.

É também importante que se faça o ajuste entre as características de agitação do animal e os cenários de realização das IAA. Binfet e Struik⁴¹ comparam, por exemplo, interações em contextos tradicionais de hospitais/clínicas, para pessoas com possíveis limitações de movimento e comprometimentos de saúde; e em contextos de campus universitário, para pessoas com grande entusiasmo, excitação e diferentes formas de interagir com os animais. Presume-se que, respectivamente, cães com menor nível energético seriam mais adequados para o primeiro caso e o contrário para o segundo caso. Tal ajuste é igualmente indicado para outros formatos de interações existentes; a fim de que os cães correspondam ao que lhes é demandado pelas pessoas, estruturas e tarefas.

Quadro 5. Características do animal indicado para IAA.

Participantes	Características			
	Temperamento	Saúde	Biótipo	Adestramento
MV1	“Animais não agitados [...]”	“[...]livres de doença de pele ou sistêmicas”	-	-
MV2	“Dócil [...]”	-	“[...]médio ou pequeno porte”	-
MV3	“Dócil, [...]que não oferece riscos as pessoas” “[...]que deixa ser manuseado [...]”	-	-	-
MV5	“Dócil, gostar de pessoas, [...]gostar de brincar e de ter contato com outros cães [...]”	“[...]Deve estar saudável”	-	“[...]ser obedientes [...]”
MV6	“Ser dócil [...]”	-	-	“[...]capacidade de entender comandos breves”

Fonte: Autores (2023)

O aspecto de "gostar de pessoas" é uma característica do cão importantíssima para participar das IAA, pois os animais se interessarão em interagir com os participantes em detrimento de interagir apenas ou majoritariamente com o instrutor ou outros cães. Enquanto, por outro lado, a docilidade mencionada não é sinônimo de apreciação; um animal extremamente dócil pode estar desconfortável em alguma situação e, ainda assim, não demonstrar seu incômodo no comportamento. Nesse contexto, aconselha-se a consideração prioritária de animais que demonstrem consistência em suas respostas na comunicação de apreciação ou de resistência/desconforto frente as situações oferecidas²⁰.

Embora todos os animais domésticos possam ser utilizados em intervenções assistidas, os cães são os animais mais presentes nessa atividade. Isso pode ser justificado por suas características particulares de inteligência e percepção⁴², consequentes da história evolutiva, as quais são facilitadoras da ocorrência de uma resposta positiva ao contato e de treinamento mais rápido⁴³. Essa espécie também é considerada como mais receptiva para contato, de fácil treinamento e controle comportamental; características que são primordiais para determinar a inclusão de um animal nas sessões^{13,44}.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado com o objetivo de conhecer a percepção dos profissionais de saúde animal, mais especificamente médicos veterinários, sobre os benefícios e riscos da presença de cães em hospitais, os possíveis cuidados para evitar esses riscos e o perfil do animal para essa prática.

Dos seis participantes, apenas dois tiveram experiência prévia em IAA durante a sua formação, como atividade de estágio. Todos foram favoráveis a entrada de cães nos hospitais e destacaram que essa inserção deve ser de responsabilidade de um profissional com formação em comportamento animal, que pode ser o médico veterinário ou o treinador. Essas percepções corroboram com a literatura na medida em que há estudos apontando a necessidade de se incluir o estudo do bem-estar animal no currículo dos veterinários.

Quanto aos benefícios das práticas de IAA, foram apontadas duas categorias, físicas e emocionais, restritos aos pacientes. Não houve relato de benefícios aos animais, apesar de estes existirem, podendo ser de caráter emocional e físico, obtidos mediante a correta seleção dos animais e execução das atividades.

Em relação aos riscos, a maioria dos respondentes declarou não ter riscos. Quando apontados, estes riscos foram relativos aos cães e aos pacientes. Para evitá-los, foram destacados alguns cuidados como: treinamento, avaliação clínica do animal, procedimentos de socialização do animal, avaliação do temperamento do animal, uso de equipamentos de segurança e controle sanitário, aspectos já destacados na literatura para o planejamento e execução dessa prática tanto no ambiente hospitalar - com a necessária elaboração de protocolos de prevenção de riscos. Os animais mais indicados pelos participantes foram cães, dóceis e saudáveis, capazes de atender comandos breves, ou seja, treinados para esse tipo de atividade.

Por fim, as percepções desses Médicos Veterinários corroboram com os estudos presentes na literatura em que confirmam que as intervenções assistidas por animais proporcionam benefícios físicos e psicológicos aos envolvidos, além de fornecer aos cães protocolos clínicos e preventivos que garantem a sua qualidade de vida para participar das práticas. Contudo, ressalta-se que a formação dos médicos veterinários ainda é insuficiente na preparação para atuação em IAA, sendo necessário o estudo e a qualificação aprofundada em comportamento, visto que esta área é essencial para a preservação da saúde e do bem-estar dos animais nas intervenções.

REFERÊNCIAS

1. Vieira AML, Almeida ABA, Magnobosco C, et al. Manual: Programa de Controle Populacional de cães e gatos. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 2006.
2. Cabral FGS, Savalli C. Sobre a relação humano-cão. *Psicologia USP*. 2020; 31:1-9.
3. Caetano ECS. As contribuições da TAA - Terapia Assistida por Animais à Psicologia. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.
4. Reichmann MLAB, Pinto HBF, Arantes MB, et al. Educação e promoção da saúde no programa de controle da raiva. São Paulo: Instituto Pasteur; 2000. (Manual Técnico, v. 5).
5. Tomé RO, Langoni H, Peruca LCB, Babboni SL. Avaliação do conhecimento sobre algumas zoonoses com proprietários de cães da área urbana do Município de Botucatu-SP. *Científica Ciências Biológicas e da Saúde*. 2010; 12:67-74.
6. Anjos ARS, Alves CTO, Neto VAS, et al. A importância do Médico Veterinário na Saúde Pública. *Research, Society and Development*. 2021; 10(8): e18210817254-e18210817254.
7. International Association Of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO). The IAHAIO White Paper: Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved. 2018.
8. Murthy R, Bearman G, Brown S, et al. Animals in Healthcare Facilities: Recommendations to Minimize Potential Risks. *Infection Control and Hospital Epidemiology*. 2015; 36(5): 495-516.
9. Carvalho IR. Utilização de cães em intervenções assistidas por animais em Portugal: avaliação do bem-estar animal e proposta de regulamentação. (Tese de Doutorado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/16668>. 2018.
10. Silva NC, Madrid MM, Santos MCC, et al. O papel profissional do médico-veterinário na atividade de Terapia Assistida por Animais (TAA). *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*. 2017;15(2): 24-30.
11. Bert F, Gualano MR, Camussi E, et al. Animal assisted intervention: A systematic review of benefits and risks. *European Journal of Integrative Medicine*. 2016; 8(5): 695-706.
12. Uglow LS. The benefits of an animal-assisted intervention service to patients and staff at a children's hospital. *British Journal of Nursing*. 2019; 28(8): 509-515.
13. Rodrigues CVM. Pesquisa científica em terapia assistida por animais. In: Chelini MOM, Otta E(Orgs.). *Terapia assistida por animais*. Barueri: Manole; 2016. p. 327-360.
14. Chelini MOM, Otta E(Orgs.). *Terapia assistida por animais*. Barueri: Manole; 2016.

15. Serpell JA, Kruger KA, Freeman LM, et al. Current standards and practices within the therapy dog industry: Results of a representative survey of United States therapy dog organizations. *Frontiers in Veterinary Science*. 2020; 35.
16. Mattar J, Ramos DK. *Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas*. São Paulo: Edições 70; 2021.
17. Minayo MCS, Souza ER, Constantino P, et al. Métodos e técnicas e relações em triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER. *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005, p.61-99.
18. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
19. Lefebvre SL, Golab GC, Castrodale L, et al. Writing Panel of the Working Group. Guidelines for animal-assisted interventions in health care facilities. *American journal of infection control*. 2008; 36(2):78-85.
20. Winkle M, Johnson A, Mills D. Dog welfare, well-being and behavior: considerations for selection, evaluation and suitability for animal-assisted therapy. *Animals*. 2020; 10(11): 2188.
21. Glenk LM. Current perspectives on therapy dog welfare in animal-assisted interventions. *Animals*. 2017; 7(2):7.
22. Lefebvre SL, Peregrine AS, Golab GC, et al. A veterinary perspective on the recently published guidelines for animal assisted interventions in health-care facilities. *Journal of the American Veterinary Medical Association*. 2008; 233(3):394–402.
23. Mongillo P, Pitteri E, Adamelli S, et al. Validation of a selection protocol of dogs involved in animal-assisted intervention. *Journal of Veterinary Behavior*. 2015; 10(2):103-110.
24. Brasil. Resolução nº 287 de 18 de outubro de 1998. Resolve sobre a inclusão de categorias profissionais de saúde de nível superior para atuação no Conselho Nacional de Saúde. Conselho Nacional de Saúde 1998; 18 out.
25. Main DCJ, Appleby MC, Wikins DB, Paul ES. Essential veterinary education in the welfare of food production animals. *Revista Scientifique et Technique*. 2009; 28: 611-616.
26. Molento CFM, Calderón N. Essential directions for teaching animal welfare in South America. *Revista Scientifique et Technique*. 2009; 28:617- 625.
27. Borges TD, Sans ECO, Braga JS, et al. Ensino de bem-estar e dor animal em cursos de medicina veterinária no Brasil. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*. 2013; 65:29-36.
28. Sherman BL, Serpell J. A. Training veterinary students in animal behavior to preserve the human–animal bond. *Journal of veterinary medical education*. 2008; 35(4):496-502.
29. De Paula Vieira A, Anthony R. Recalibrating veterinary medicine through animal welfare science and ethics for the 2020s. *Animals*. 2020; 10(4): 654.

30. Molento CFM. Bem-estar animal: qual é a novidade. *Acta Scientiae Veterinariae*. 2007; 35(2): 224-226.
31. Vaccari AMH, Almeida FA. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. São Paulo: Centro de Zootecnia/Veterinária, 2007.
32. Becker M, Morton D. O Poder Curativo dos Bichos. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.
33. Hannah DR, Robertson K. Emotional regulation in veterinary work: Do you know your comfort zone?. *The Canadian Veterinary Journal*. 2020; 61(2):178.
34. Souza CCN, Carvalho RI, Freitas MG, et al. O conhecimento dos profissionais da saúde humana sobre as intervenções assistidas por animais. *Research, Society and Development*. 2021; 10(16): e569101624212.
35. Lima CM, Krug FDM, Bender DB, et al. Intervenções assistidas por animais realizadas em ambiente hospitalar na promoção do cuidado com a vida. *Revista Expressa Extensão*. 2018; 23(2): 89-95.
36. Machado JDAC, Rocha JR, Santos LM, et al. Terapia assistida por animais (TAA). *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*. 2008; 6(10):1-7.
37. Silveira IR, Santos NC, Linhares DR. Protocolo do programa de Assistência Auxiliada por Animais no hospital universitário. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2011; 1(45).
38. Maldonado NAC, Garcia, RCM. Bem-estar Animal. In: Jericó MM, Neto JPA, Kogika MM. *Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos*. Rio de Janeiro: Roca, 2015, p. 2282-2285.
39. Ribeiro AFA. Cães domesticados e os benefícios da interação. *Revista Brasileira de Direito Animal*. 2011; 6(8).
40. Fischer ML, Zanatta AA. Análise bioética das intervenções assistidas por animais em ambiente hospitalar. *Revista da SBPH*. 2021; 24(2): 173-186.
41. Binfet JT, Struik K. Dogs on campus: Holistic assessment of therapy dogs and handlers for research and community initiatives. *Society & animals*. 2018; 28(5-6): 489-509.
42. Dotti J. *Terapia e animais*. São Paulo: Livrus, 2014.
43. Kobayashi CT, Ushiyama ST, Fakh FT, et al. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2009; 62(4): 632-636.
44. Mandrá PP, Moretti TCDF, Avezum LA, et al. Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. *CoDAS*. 2019; 31(3): 1-13.